

Trabalhadores Rurais do Cujubim Beira Rio Caracaraí RR

PROJETO

Mapeamento Social

como Instrumento
de Gestão Territorial
contra o Desmatamento
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



7



**NOVA CARTOGRAFIA
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





© UEA-Edições – Manaus, 2014

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elisabeth Acevedo Marin

EQUIPE DE PESQUISA

Carmen Lúcia Silva Lima (coordenadora),
Amanda Freitas Silva, Ananda Machado,
Arlene Oliveira Souza, Cintia Rejane Silva Lima,
Erineu de Souza Cipriano, Ilce Mesquita Pereira,
Marilene Santos Afonso, Melina Carlota Pereira,
Mirian Chaves de Souza, Nathalia Bianca da Silva
Martes, Nelita Frank, Taiguara dos Santos Pereira

EDIÇÃO

Arlene Oliveira Souza, Carmen Lúcia Silva Lima,
Nelita Frank, Taiguara dos Santos Pereira

EQUIPE DE LEGENDAS

Zacarias Gonzaga Dias, Luís de Oliveira Sousa

EQUIPE DE COLETA DE PONTOS GPS

Edileusa Vieira Mota, Elias Nogueira da Gama,
Marcos Antonio Lima Alfaia, Nelcineia Nunes de
Moraes, Raimundo Agostinho de Moraes (Paciência),
Zacarias Gonzaga Dias

CARTOGRAFIA

Taiguara dos Santos Pereira

TRANSCRIÇÃO DAS GRAVAÇÕES

Erineu de Souza Cipriano

AUDIOVISUAL

Erineu de Souza Cipriano, Marilene Santos Afonso,
Mirian Chaves de Souza, Nathalia Bianca Silva Martes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8

Participantes da Oficina de mapas:

Ana Paula Ribeiro da Costa, Addressa Carvalho de Lima,
Antônio Monteiro do Nascimento, Basílio de Almeida
Dias, Bruna Ribeiro Lima, Carlos Gilberto Marijo dos
Santos, Daiane Rodrigues Dias, Dalva Amorim Ramos,
Damaris Gonzaga de Lima Dias, Edileuza Vieira Mota,
Elias Nogueira da Gama, Francinaldo Melo de Souza,
Francisca Maria Canavarro Marinho, Geraldo André de
Oliveira, Gleice Nunes de Moraes, Ivonete Ribeiro de
Souza, Luís de Oliveira Souza, Marco Antônio Lima
Alfaia, Maria Antônia Gonzaga Dias, Maria das Graças
Nunes Moraes, Maria Ilma de Lima, Maria Jovelina
Garcia, Maria Luisa da Costa, Mauro Pinho, Nelcineia
Nunes de Moraes, Nemésio Almeida Silva, Nonato
Ferreira da Silva, Raimundo Augustinho de Moraes
(Paciência), Rociane Souza dos Santos, Simone Dias
Pereira, Supriano Ribeiro da Silva, Yan Ferreira da
Silva, Zacarias Gonzaga Dias

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial
contra o desmatamento e a devastação: processo de
capacitação de povos e comunidades tradicionais:
trabalhadores e trabalhadoras do Cujubim Beira Rio,
Caracará, RR, 7 / coordenação geral do projeto, Alfredo
Wagner Berno de Almeida ; equipe de pesquisa, Amanda
Freitas Silva ... [et al.]. – Manaus: UEA, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-279-7 (Projeto Mapeamento Social como
Instrumento de Gestão Territorial; 7)

1. Conflitos sociais. 2. Trabalhadores – Cujubim Beira Rio
– Caracará (RR). 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmata-
mento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo
Wagner Berno de. II. Silva, Amanda Freitas.

CDU 528.9:316.48(811.3)



Desenhos feitos pelos participantes da Oficina

Trabalhadores e trabalhadoras rurais do Cujubim Beira Rio

Trabalhadores e trabalhadoras rurais do Cujubim Beira Rio é a forma como têm se definido o grupo de pessoas que desde muito tempo convive em uma área situada entre os igarapés Sumaúma e Cota, em uma região de floresta à beira do rio Branco, no município de Caracará – Roraima. Considerado uma localidade “farta” e “boa de morar”, o Cujubim Beira Rio agrega em sua área uma rica variedade de recursos naturais, que para os conviventes está extremamente ligada ao modo de vida e as ações de cuidado com o lugar.

Na contramão do processo de convivência do grupo com o local, a ação de fazendeiros – em sua maioria madeireiros – tenta prevalecer, ameaçando o modo de vida destes e a própria existência do Cujubim Beira Rio. A madeireira Vale Verde tem sido o principal inimigo do grupo, na medida em que, gozando de grande poderio econômico, se articula de maneira a expropriar os trabalhadores e trabalhadoras rurais de sua localidade e de seus direitos.

Este fascículo é resultado do esforço mobilizatório do grupo que vem ativamente resistindo às adversidades. É mais uma ação de enfrentamento empreendida no sentido de garantir direitos, principalmente o acesso à terra e o respeito aos conhecimentos tradicionais.



Manifestação nas ruas do centro de Caracará



O Cujubim Beira Rio: um local de muitas riquezas

“Lá é muito farto de caça e frutas. Temos pé de castanheira, tucumã, a bacaba, piquiã e outras frutas... Lá também tem roça, casa e temos também o rio Branco para pescar.” DAMARIS

“Já construíram (os trabalhadores) casa de morada, casa de farinha. Já fizeram muitas produções: plantio de cupuaçu, mandioca, milho, banana, mamão, manga, açaí e goiaba. Criação de animais como porco, galinha, pato e carneiro... Os agricultores já puderam comprar seus equipamentos de trabalho.” ANA PAULA

“Quando não tinha conflito, os trabalhadores plantavam, cultivavam, criavam sem nenhum problema... Quando os agricultores do Cujubim Beira Rio chegaram à região, já existia ali castanha, piquiã, bacaba, açaí e tinha muita caça. Porcos, mutum, anta, jabuti e outros animais. Antigamente, tinha muitos vizinhos, a gente visitava os vizinhos... Antes desse conflito ... lógico

que a gente não era aquela vida boa, mas nós vivia melhor. Agora com essas ameaças, nós não temos nem a liberdade de plantar uma planta ou de cultivar um animal. Nós somos ameaçados.” ELIAS

“Eu conheço bem essa situação do artesanato, porque lá tem muito cipó e arumã e outras coisas que dá de fazer artesanato. Já a castanha, todo mundo sabe, é o que mais tem lá. Inclusive, eu sou um coletor de castanha e eu sei que, tem mercado em Boa vista que tá pagando a castanha a cem reais o saco.” ZACARIAS

“Lá é de conhecimento também de todos que tem vários tipos de animais conhecidos como a anta, o porcão, a queixada, o catitu, a paca, o tatu e vários outros animais... Temos vários tipos de plantas como a orquídea, como a samambaia. Vários tipos de planta temos naquele local.” LUIZ

O trabalho e o saber das mulheres trabalhadoras rurais sobre a biodiversidade de Cujubim Beira Rio



Apresentação do trabalho do Grupo de mulheres de Cujubim Beira Rio

A memória das mulheres de Cujubim tem um tempo de dificuldade, mas também de tranquilidade e maior felicidade, da relação com a terra, do conhecimento sobre a biodiversidade, das formas e divisão de trabalho. E hoje uma história de conflitos socioambientais, ameaças e violência. Os depoimentos revelam lembranças comuns às mulheres e representações de mulheres e homens sobre o espaço, os enfrentamentos e as resistências.

Recursos do Cujubim Beira Rio

PRODUTOS CULTIVADOS: andiroba, abacaxi, laranja, açaí, arroz, bacaba, banana, buriti, café, caju, castanha, castanheira, coco, cupuaçu, goiaba, graviola, jatobá, jerimum, limão, macaxeira, mandioca, manga, maracujá, milho, murici, patoá, piquiá, pitanga, quiabo e tucumã

MADEIRAS NATIVAS: piquiá, preciosa, carnaúba, manga brava, andiroba, angelim, maçaranduba, pau rainha, sucupira, castanheira e jatobá

CRIAÇÃO DE ANIMAIS: carneiro, galinha, pato, porco, marreco e picote

PEIXES: aracu, pacu, judiá, mandi, barbado, piranha, pirarara, mamuri



Reunião com trabalhadores e trabalhadoras do Cujubim Beira Rio

As Mulheres e sua Experiência Comum

“Vamos falar da nossa chegada ao Cujubim. Naquela época nós pescava aracu, pacu, jundiá, mandi, barbado, piranha, pirara e mamuri. O nosso trabalho é levar para escola os netos, cuidar dos maridos e parentes, lavar roupas, buscar água nos igarapés, trabalho de casa, acordar cedo para fazer fogo na lenha né, café, limpeza da casa, preparar comida, varrer o quintal, alimentar os animais, cuidar das crianças.”

“Na roça fazemos: roçado, capina, planta, arranca mandioca, fazemos farinha, farinhada, tiramos goma e plantamos de tudo lá: murici, pitanga, graviola, caju, limão, laranja, manga, banana, maracujá, abacaxi, coco, cupuaçu, pupunha, buriti, tucumã, patoá, bacaba, macaxeira, cará, jerimum, quiabo e café. Lá temos criação de animais: carneiro, galinha, pato, porco, marreco e picote.”

“Em Cujubim temos vários tipos de madeira: piquiá, preciosa, carnaúba, manga brava, angelim, maçaranduba, pau-rainha, sucupira, castanheira, jatobá e andiroba. Temos frutas: banana, maracujá, abacaxi, coco, cupuaçu, buriti, graviola, cajú, limão, manga, pupunha, tucumã, patoá, bacaba, e laranja.”

“Nosso grupo é o pau-rainha. Então isso aqui é o rio Branco, nós fizemos algumas pedras porque o rio é cheio de pedras e fizemos as ilhas do Cujubim. Primeiro a ilha do Jarú, ilha do Cujubim, ilha do Santos e a pedra do O. Aqui é o sitio, nós desenhamos os barcos também, aqui é o pau-rainha porque o pau-rainha no meu conhecimento né pra mim ele tem muita importância eu achei que ele tem tanta importância que eu resolvi fazer muitas mudas de pau-rainha no meu lote, inclusive eu estou fazendo muita muda e vou plantar o pau-rainha por que tem muita serventia. Ele é um pau que ninguém utiliza a fruta pra comer, ele é só pra extração de madeira. A madeira dele é muito limpa, serve pra fazer móveis, cama, guarda-roupa, fazer tábua, bancos, cadeiras e serve pra muita coisa. Ele é muito importante.”

RELATOS DO GRUPO DE TRABALHO DAS MULHERES TRABALHADORAS RURAIS DE CUJUBIM BEIRA RIO: MARIA ANTONIA, FRANCISCA CANAVARRO, IVONETE, GLEICE, MARIA DAS GRAÇAS, MARIA LUIZA DA COSTA, MARIA ILMA E ROCIANE

Dificuldades de acesso e deslocamento

“Antes a gente produzia muito. Mas com os problemas de trazer de lá, já estragou muitas coisas. A banana estraga muito. Muitas frutas que tem lá, a gente num pode trazer pra vender por que estraga. Ninguém pode trazer no carro de mão. Pelo menos meu esposo é velho, já não pode mais ter essa força de carregar um carro cheio de farinha, como antes ele fazia. Quando nós chegamos, ele fazia. Nós fazíamos farinha, trazia e vendia aqui. Muitas pessoas compraram.” DONA ANTÔNIA

“Tem a dificuldade de chegar lá no local através do rio. Quando seca, no verão, fica muito difícil. É arriscado e perigoso de perder até a própria vida... Tem sim uma vicinal, mas a madeireira bota simplesmente o portão, para as pessoas não chegarem até lá. E quando chega a atravessar para o outro lado, tem que fazer tudo por escrito. Que se acaso acontecer qualquer coisa lá dentro



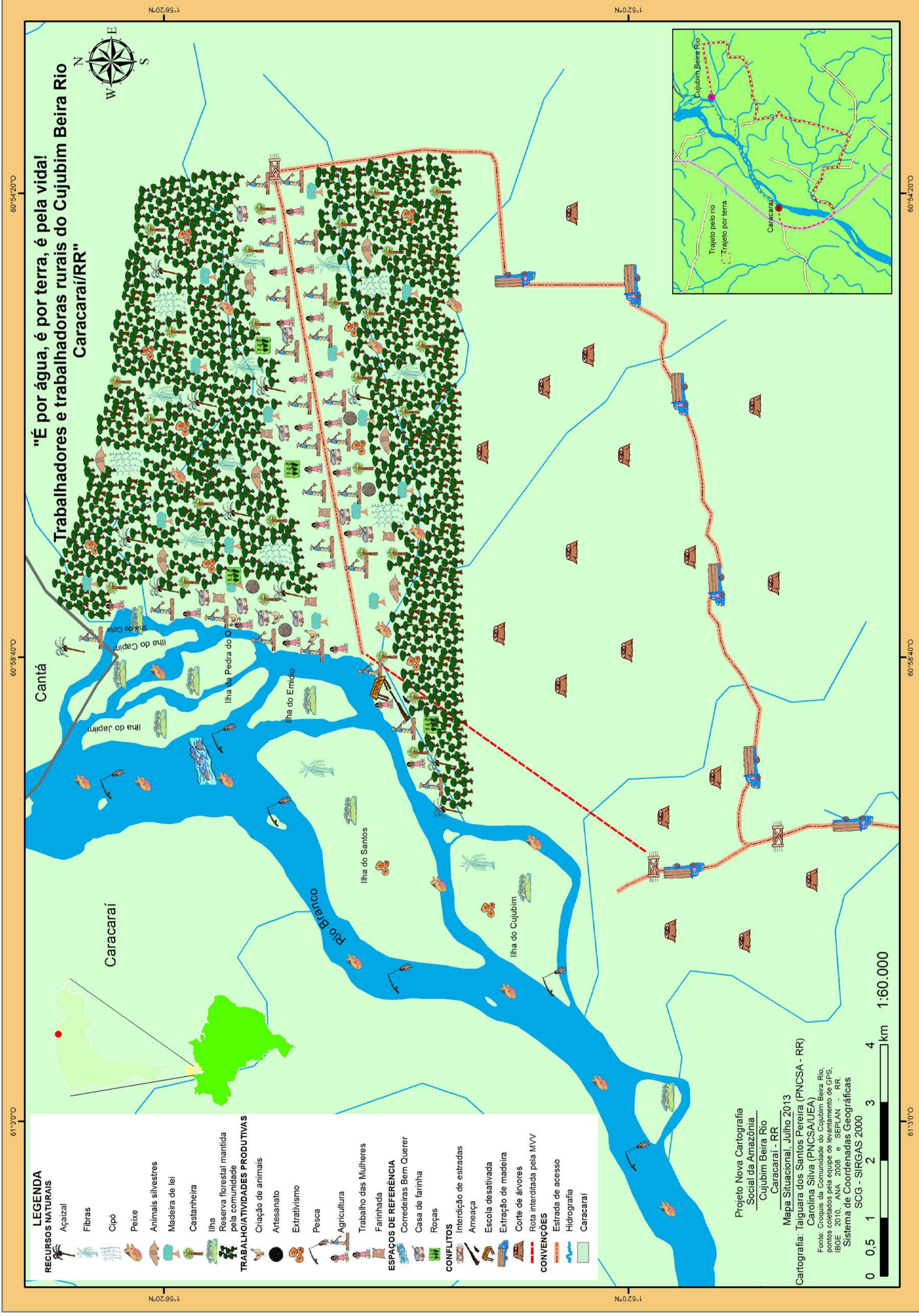
Desenho feito pelo Grupo de mulheres de Cujubim Beira Rio



Ivonete em sua roça



Estrada de acesso ao Cujubim Beira Rio



Síntese dos problemas enfrentados

Cerco dos Fazendeiros

Desmatamento e desequilíbrio ambiental

Falta de regularização fundiária

Falta de estrada e dificuldade de acesso

Ausência de escola para os filhos dos trabalhadores e trabalhadoras

Ausência de energia

Processos judiciais

Ameaça de morte e agressões verbais

Funcionários da madeira armados intimidando moradores

Conflito com madeira Vale Verde e outros madeireiros pela extração ilegal de madeira

Perda da produção por falta de escoamento dos produtos



Cultivos e vegetação do Cujubim Beira Rio



Adversários e parceiros

ADVERSÁRIOS: Polícia ambiental / agentes ambientais, fazendeiros e madeireira Vale Verde / outros madeireiros

PARCEIROS: Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caracará, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento Libertação da Terra (MLT) e Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA)

Reivindicações

Construção de Casa de Farinha

Construção de Estrada

Instalação de Energia Elétrica

Construção do Posto de Saúde

Regularização fundiária dos lotes

Construção da Escola e implementação do ensino formal

Construção da Sede da Associação dos Moradores do Cujubim Beira Rio



Guaraci e Paciência – liderança do Cujubim Beira Rio



Guaraci – presidenta da Associação do Cujubim Beira Rio



Trabalho em grupo durante a Oficina de mapas



Criação de animais e moradia (acima)



das áreas dela, o responsável são eles. A gente chega até o local do nosso terreno, mas tem que dizer o dia e a hora que tem que voltar, por causa desse problema. Tem a vicinal, mas eles fecham o portão. Aí não deixa ninguém passar pro outro lado. Isso é um problema que tem que acabar, por que a vicinal é pra todos e quando ela (madeira) chegou lá, nós já existia no local. É coisa gravíssima isso aí, porque eu torno a repetir: nós temos a estrada que sai pela Vista Alegre e chega até lá no Cujubim. Mas nós não podemos passar por eles. Quando agente passa por lá, tem que deixar por escrito o dia que volta e a hora que vai voltar. Se passar meia hora sem voltar do momento exato, eles vão até lá ver o que aconteceu. E aí cabe ao governo fazer alguma coisa pelos colonos, porque só agente num vai conseguir. Tem que ter ajuda.” SEU CARLOS



Seu Carlos e Edileusa

Problemas enfrentados

“Vou falar dos problemas e dificuldades: falta de escola, falta da sede da associação, roubo de canoas, roubo de ranchos, roubos de motores, a falta de transporte e a estrada ruim. Falta de documentos e titulações dos lotes. Ameaças de mortes com a chegada da Vale Verde. Com a retirada das madeiras, as caças se afastaram.” IVONETE

“Muitas pessoas não fizeram casa até agora com medo de perder, de fazer e o pessoal da Vale Verde chegar lá, mandar sair e eles perderem. Gastar dinheiro, que às vezes a gente não tem; gastar e empregar tudo lá, aí é um prejuízo. Eu creio que muitas pessoas pensam dessa maneira, de fazer lá e ter prejuízo. E outros também se queixam de não ter escola pra ir pra lá, por que se levar os filhos, se for pra lá, não demora o conselho (Conselho Tutelar) está no pé, por que a criança está lá e não está estudando.” DONA ANTÔNIA



Dona Antônia e Basílio, e Seu Supriano



“Quando veio a perseguição, muitos moradores que moravam na beira do rio se afastaram... Há dificuldade de escoar a produção por conta do fechamento da estrada. O pessoal da Vale Verde agrediu verbalmente... Foram com armas no lote do Caparari, com o tom de ameaça, dizendo pra eles tomarem cuidado. Queimaram algumas casas dos agricultores em 2007. Teve o fechamento da estrada pela Vale Verde. Tem colono que está deixando de ir ao seu lote com medo do Ricardo (Gerente da Vale Verde). Tem a perseguição da Vale Verde, junto com o meio ambiente. O colono desmata duas linhas para plantar e a Vale Verde leva o meio ambiente pra acusar que estamos exagerando no desmatamento.” ANA PAULA

“Lá muitos moradores tem aquele problema: – Eu não tenho casa. Mas uma casa não é dor de cabeça, qualquer pessoa pode fazer, não é coisa de sete cabeças. Só que tem um problema, que na hora que você tirar um caniço pra pescar na beira do iguarapé, já corre a denúncia pra Caracará... Nós temos que ficar recuado, sem poder fazer nada. Nós não podemos desmatar pra colher o pão de cada dia e sobreviver.” SEU SUPRINO

“Se o INCRA ou o ITERAIMA regularizasse as terras pra gente lá, ficaria mais fácil esse conflito, por causa que aí acabava. A gente conseguia a documentação, aí todo mundo tinha seus documentos. Eu acho que aí não existiria esse tipo de conflito... Muita gente não fica no lote por que tem as suas crianças, que não pode ficar sem o estudo. É preciso vir para a cidade.” MARCOS



Trabalho em grupo e Oficina de produção de mapa



A situação de conflito, ameaças e violência

“Quando chegamos no Cujubim, o INCRA deu para nós o lote para plantar e criar. Depois apareceu o suíço e a nossa vida virou um inferno. Recebemos ameaças de morte, tomaram nossas motosserras e a polícia tentou prender meu marido.” DONA MARIA DAS GRAÇAS

“A preocupação do grupo é porque por modo o fazendeiro e os madeireiros, é tanta ameaça que nós vivemos lá. Nós num pode levar a nossa família pra lá, porque nós temos que sair pra cuidar da roça, deixar essa mulher em casa com essa criança. Quando chegar, essa mulher não tá mais; tá sujeita de não tá mais naquela casa, porque eles ameaçam os homens, avali encontrando uma mulher sozinha com as crianças em casa! Então esse tipo de coisa é muito difícil pra nós ... porque nós tem esse prazer de nós levar a nossa família pra lá. Mas nós já pensa por esse lado: de nós deixar essa mulher em casa, porque temos que sair pra trabalhar e ir atrás de um alimento pra



Raimundo Paciência

nós trazer para nossos filhos, e pensa de nós chegar e a mulher não tá mais em casa ou talvez esteja até morta dentro de casa. Então isso tudo é dificuldade pra nós lá no Cujubim Beira Rio.” RAIMUNDO PACIÊNCIA

“Vou falar sobre o Cujubim. Vou começar primeiro pelas coisas ruins que vem acontecendo desde quando as pessoas da Vale Verde chegaram no Cujubim, fazendo ameaças aos moradores da comunidade. Outros problemas também que acontece, que aconteceram é que ninguém tem o meio de transporte público. Precisamos também de um posto de saúde, nós precisamos de paz e outras coisas. A melhor coisa que aconteceu era quando a vale verde não ameaçava as pessoas do Cujubim Beira Rio. Lá também tem roças, casas e temos também o Rio Branco para pescar.” DAMARIZ

“A gente trabalhava lá despreocupado. A gente escutava uma moto zoar, pra nós era uma alegria, pois era uma visita na nossa casa. Hoje em dia nós só escuta: – O pessoal da Vale Verde tá vindo aí, já tá vindo perseguir nós. É uma perseguição. De primeiro, o nosso dia era alegre, não era? Hoje em dia é só perseguição. E todo dia que eles chegam no lote, é logo dizendo: – Vocês estão trabalhando errado! Essa área aqui é nossa! Vocês não tem documento. Nós temos o documento... É acostumado eles a falar isso pra nós. De primeiro não existia isso. Depois que eles entraram lá, nós estamos nessa. Nós tem o nosso produto e não tem como transportar ... pra nós entrar (pela estrada), tem a hora de entrar e a hora de sair.” SEU GERALDO



Apresentação do trabalho em grupo

“Eu queria explicar pra todos o conflito que vem acontecendo na região do Cujubim Beira Rio. Tem um conflito entre esse grupo aqui (trabalhadores) e esses fazendeiros. É sofrimento através da ameaça. Eu pelo menos, eu já fui varias vezes ameaçado...” FRANCISCO



Oficina de produção de mapa



Reunião com trabalhadores e trabalhadoras do Cujubim

Nós fomos pra vicinal 3, trabalhar lá. Eles pegaram e ameaçaram nós ... foi gente da Vale Verde, nós vimos. Nessa noite, nós dormimos todo mundo no meio do mato. Saímos dos barcos e fomos dormir fora da casa ... isso foi no ano de 2006... Foi assim que nós entremos pra lá. E aí nós pegamos e fomos na delegacia e registramos um BO (Boletim de Ocorrência) contra eles e eles também registraram um BO contra nós; que nós estávamos desmatando sem documento... Tem um rapaz, ele até foi embora pra Boa Vista, ele tinha uma oficina na beira da estrada. Ele estava trabalhando e aí chegou dois homens e falou: – Rapaz, essa questão vai acabar quando nós matar a presidente e a vice. Aí a questão acaba. E aí nós também registramos um BO contra a Vale Verde, por que nós tava ameaçada de morte, tanto eu quanto a Guaraci (vice e presidente da associação)... Eles falaram que iam acabar com as nossas vidas, iam matar. Assim eles iam ganhar a terra, quando matassem nós duas. E disse que tinha mais gente ainda pra morrer lá dentro, porque ficavam brigando pelas terras. Eu acho que essa pessoa pode ser seu Raimundo, que também, toda vida ele vem lutando pelas terras. Então agente vive ameaçado. Então é ameaça que agente tem que ter cuidado, por que agente pode perder a vida.” EDILEUSA

A extraç o ilegal de madeira

“Quando eu cheguei, em 1961, tinha só uma picada por onde a gente conduzia as castanhas num burro. Era uma floresta e tinha castanheira. Só tinha mata, não tinha casa e tinha muita caça. Hoje tem moradores sendo ameaçados pra sair de lá do Cujubim Beira Rio. Eles (madeireira Vale Verde e os fazendeiros) dizem que querem a madeira e que a terra é deles. Os moradores vivem em um conflito com a madeireira.” DONA FRANCISCA CANAVARRO

“Nós não pode fazer uma roça, por que hoje é que tá perigoso mesmo... Não é só o suíço, agora já é o Sidnei, misturado com o Boboco, o Centenário (fazendeiros)... Isso é o tipo de coisa ruim... Nenhum agricultor lá vendeu um palmo de madeira, nenhuma árvore de madeira. Eles ameaçam nós porque nós estava pelejando pra botar uma roça pra nós sobreviver. E outra, fazendo um buraquinho pra fazer uma casa pra fica ali, pra plantar um pé de mandioca, um pé de cará, pé de abacaxi. Mas nós hoje não pode mais fazer isso por causa dessa ameaça.” RAIMUNDO PACIÊNCIA



Raimundo Nonato – trabalhador do Cujubim Beira Rio e Dona Francisca Canavarro



“É madeira ilegal. Eles andam com a máquina fazendo aquele meio mundo de regaço naquelas florestas e fazem aqueles limpos monstros que cabe quase cinco caminhões e uma máquina pra

botar em cima as toras. Enquanto os colonos num podem fazer nem quatro linhas pra poder sobreviver; plantar uma mandioca e plantar uma banana. Eles podem fazer esse tipo de coisa. Cadê a justiça? Se a justiça é pra todos, cadê? Por isso nós pedimos justiça. Agente não pode trabalhar. Quando vai trabalhar, logo vem o policial com o IBAMA. Pode parar que você vai preso! A gente é fraco, tem que parar, né.” SEU CARLOS

“Sobre o Sidnei, eu tava lá no meu lote, que eu considero meu, que eu tenho o documento dado pelo INCRA... Isso tá no INCRA e na Receita Federal. A terra eu considero minha. Quando ele chegou, me abordando, mandando eu sair da terra, que a área era dele. Amostrando um documento que ele tinha, um título definitivo. E se eu num obedecesse, ele ia chamar o meio ambiente pra mim não cortar mais nenhuma arvore lá. E eu podia ficar em trezentos metros de capoeira, porque a mata virgem era toda dele. E ele ia derrubar aquilo tudinho, que ele já tinha tirado cento e cinquenta mil (reais), feito financiamento pra pagar com aquela madeira. E quando eu disse pra ele que ele não podia tirar isso, porque nós não podia cortar nenhum pau, um agricultor não podia cortar nem um pau e ele ia tirar aquela madeira todinha daquela área. Ele disse que tirava porque ele tinha o título definitivo. E ele ia tirar, era legal e não ilegal. Eu encerrei a conversa e fui procurar meu direito. Quando eu cheguei em Boa Vista, o INCRA lá me apoiou. Eu tenho documento mesmo da terra e eu não sei se esse documento dele é verdadeiro, que ele andava; esse Sidnei, andava com a moto da Terra Legal. O rapaz da Terra Legal com quem ele andava, tava com a camisa com emblema da Terra Legal. E ele apoiando o Sidnei, não apoiando o agricultor lá na área. Aí nós encerremos a conversa e eu me afastei dele, porque ele tava muito violento. E aí eu fui procurar meu direito. Hoje eu tenho meu direito, que eu sei que eu tenho. E eu tenho o documento dado pelo INCRA. Ele disse que lá o ITERAIMA não apitava nada e a área lá era do INCRA. Eu fui cassar meu direito, o INCRA disse que lá a terra fundiária é do ITERAIMA, é problema do ITERAIMA, não mais do INCRA por causa que foi apartado pelo Governo do Estado.” RAIMUNDO PACIÊNCIA



Residência do Cujubim Beira Rio



Canoa: meio de transporte e instrumento de pesca



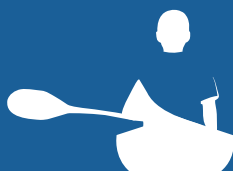
Escola desativada

CONTATOS

ASSOCIAÇÃO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DO CUJUBIM BEIRA RIO DE CARACARAÍ

GUARACY DA SILVA SOUZA
Avenida Presidente Kenedy 323 Centro
Caracará – RR
95 91223957

RAIMUNDO AGOSTINHO DE MORAIS
Rua Darcivan Carvalho 175 São Pedro
Caracará – RR
95 91549113

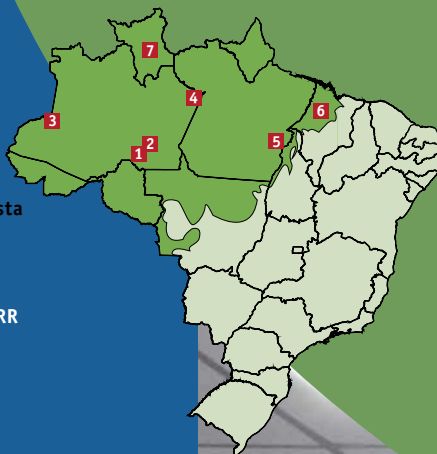


PROJETO

Mapeamento Social

TRABALHADORES E TRABALHADORAS
RURIS DO CUJUBIM BEIRA RIO:
CARACARAÍ – RORAIMA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativista do Sudeste do Pará
- 6 Terra indígena Pindaré – Bom Jardim MA
- 7 Trabalhadores Rurais do Cujubim – Caracarái RR



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7883-279-7



ASSOCIAÇÃO DOS
TRABALHADORES
E TRABALHADORAS
RURIS DO CUJUBIM
BEIRA RIO

TRABALHADORES
E TRABALHADORAS
DO CUJUBIM
BEIRA RIO



SINDICATO DOS
TRABALHADORES
RURIS DO
CARACARAÍ

